

Miguel Sanches Neto. *A bicicleta de carga e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 132 p.

O paranaense Miguel Sanches Neto é autor de mais de trinta livros, sendo o romance *Chove sobre minha infância* (Record, 2000) o que obteve reconhecimento internacional. Em sua mais nova obra, *Bicicleta de carga e outros contos*, Sanches Neto aborda questões pujantes como solidão, desejo e loucura em narrativas compactas e bem construídas que, “sem trégua”, circundam o leitor e envolvem-no às construções ora sentimentais, ora perturbadoras dessa coletânea.

Os contos de *Bicicleta de carga*, vistos em seu conjunto, parecem compor um panorama do sujeito moderno preso em si mesmo. Esse panorama é corroborado pela moldura que o enquadra. O livro inicia com “Todas as mães” e se encerra com “Bicicleta de carga”, dois contos que expõem memórias sobre a perda materna. A composição formal da obra se dá em duas partes, a primeira abarcando sete contos e a segunda, dez. A sequência das narrativas pode, assim, ser aproximada tematicamente e parece seguir em direção à morte e ao nada, porém ela retorna ao ponto inicial, à consciência infantil da finitude apresentada na moldura final, gerando um efeito circular em sua compilação.

No primeiro conto, “Todas as mães”, a voz feminina reminiscente (homodiegética) retrata e relembra, por meio da relação afetiva com o piano Pleyel, a mãe falecida. O piano não apenas ocupava espaço no apartamento das duas mulheres, era também parte da vida familiar. Depois de casada, com filhos e já morando em outra casa, a narradora depara-se com a mãe morta em sua antiga cama:

Morreu me esperando. Morreu lembrando de alguma música? De meu pai? Só então me dei conta de que nunca soube dos amores de minha mãe. Teria tido muitos namorados nesses anos todos? Teria renunciado ao sexo? Será que se satisfazia na hora do banho? Vendo-a morta parei de chorar. Sentei ao piano e toquei uma música (p. 12).

A casa materna foi vendida e o piano, restaurado. O piano francês, fabricado no ano de 1870, retoma a aparência original com o processo de restauração. A narradora busca remontar, então, a suposta trajetória de seu companheiro desde a madeira cortada pelas mãos escravas no Brasil, sendo transformada na França em “algo mais duradouro que uma árvore” (p. 14), até encontrar o toque da menina pobre e o dedilhar de sua mãe “que lhe roubava notas solitárias” (p. 15). Assim, o piano carregava não só a pátina de sua própria história, mas também a daquelas duas mulheres.

Nas narrativas que seguem (apresentadas tanto em primeira, quanto em terceira pessoa do singular, mas com protagonistas masculinos), os enredos apontam para desejos não realizados que podem aprisionar os homens em questão ou reduzi-los às suas lascívia. Além disso, no decorrer dos contos, têm-se ainda o isolamento, a loucura, desembocando no último conto “Pintado para guerra” que aborda a doença terminal.

A segunda parte de *Bicicleta de carga* apresenta uma peculiaridade: o primeiro conto desse segmento, “Mundo móvel”, é uma narrativa fantástica. O “Mundo móvel” pode ser pensado por meio da perspectiva da morte, ou melhor, de dentro de um niilismo posterior ou anterior à morte, uma vez que a casa em que o protagonista estava encerrado situava-se fora do tempo e do espaço.

O enredo expõe a história de uma família composta apenas por homens que nasciam e morriam no mesmo lugar. O universo do protagonista, André Fracasso, restringia-se à casa e ao cemitério localizado em frente. Seu mundo compõe-se de poucas palavras, de “quartos vazios e paredes roídas pelo silêncio” (p. 54), da falta de rastros ou qualquer sinal de um passado, portanto, restringia-se ao olvido da História – “conhecia todos os cômodos, mas nunca encontrou nenhuma foto, nenhum escrito” (p. 54).

Para os homens da família Fracasso, só havia espera. De outro lado, as mulheres, vistas fora da casa, eram um túnel que não podia ser cruzado. Elas tinham tempo breve, “eram espaço”, moviam-se e geravam vida: “Uma mulher era estrada” (p. 60). No decorrer da intriga, André encontra Leda (cabe salientar que os nomes remetem ao grego, André significando “homem”, e Leda, “mulher” ou “esposa”); da relação, gerou-se uma filha, “Aurora”. Como na casa não nasciam mulheres, Leda foge. O protagonista deixou, com isso, a posição de guardião da casa e partiu em busca da mulher, dessa “estrada” que conceberia a “Aurora”. André, no entanto, cansou-se da caminhada e desistiu da procura. Ao tentar retornar a casa de origem, não a alcança porque entrara no mundo e no tempo.

As temáticas dos demais contos desta segunda parte aproximam-se das do primeiro bloco, porém expõem de forma mais contundente as fisionomias do desejo, da insatisfação e da solidão. Cabe salientar que “Linguagem roubada”, o décimo quinto conto da obra (oitavo da segunda parte), pode ser pensado como paralelo à “Pintado para guerra” (a sétima e última narrativa da primeira parte). Ambos têm protagonistas escritores. A escrita nos dois contos configura-se como uma tarefa árdua, em “Pintado para guerra”, porém, é o protagonista quem luta com as palavras, e em “Linguagem roubada” tal aspecto diz respeito ao amigo do narrador M. S. (Miguel Sanches?). Ademais, a doença terminal é o grande mote das duas tramas.

Pensando em uma aproximação entre os dois contos, o último segmento de *Bicicleta de carga* parece avançar no percurso de vazio em que o homem moderno está imerso. Após tratar da finitude, ou seja, da doença terminal – o ponto de chegada do primeiro bloco –, a segunda parte da obra segue o abandono total do homem visto nos andarilhos das ruas, ou seja, incide no descarte das máscaras que integram os sujeitos escravos do trabalho, da sociedade, do tempo e do espaço. “A irmandade da merda” seria, portanto, o desfecho antes da moldura final.

“A irmandade da merda”, por seu turno, tem como enredo as caminhadas noturnas do narrador e o contato que estabeleceu com os moradores de rua. Esse

homem, à medida que transpõe o universo dos indivíduos e grupos, assimila-se gradualmente àqueles a quem observa. No entanto, em um primeiro momento, ele se define como um expedicionário: “era apenas um viajante sem raiz naquela paisagem” (p. 115).

Esse “caminhante noturno” seguiu os sinais de vida deixados pelos andejos – compostos por pessoas e animais, “todos da mesma espécie de rua” (p. 117): calcinhas, que indicariam desejo e energia sexual; fezes, revelando que esses sujeitos comiam, entre outros elementos. A pobreza total, representada no mundo da rua, configurava, segundo o narrador, as pessoas reais, aquelas que abandonaram as máscaras e a farsa da vida social e do trabalho, farsa essa que levaria o rebanho a seguir docilmente ao abatedouro.

Os andarilhos, de sua parte, buscavam afastar-se dos “brancos” – “Nem todos são mulatos ou negros entre os moradores, mas o sol e a sujeira tingem mesmo os mais claros” (p. 114); a “negrura”, vista na pele dessa população, era uma casca formada por acúmulo de fuligem. O conto apresenta, desse modo, duas imagens: a máscara social, metáfora que aponta para o encobrimento da verdadeira face dos sujeitos, e a casca da sujeira que, ao ocultar a verdadeira cor dos indivíduos, os igualaria e revelaria seus seres autênticos. O corpo social, entretanto, enxerga os últimos como estranhos, como criaturas que geram repulsa. A fim de eliminar o elemento repulsivo, intervir-se-ia em prol de uma ressocialização dessa esfera exógena:

A sociedade quer tirar os mendigos da rua. Falam em casa. Em ressocialização. Mas eles já estão socializados. Vivem no seu habitat. A maioria quer ficar ali. A vida deles é o movimento diário pelo tabuleiro. É uma agressão querer devolvê-los a uma sociedade que não tem sentido para eles, que eles veem como território inimigo (p. 117).

O narrador em suas jornadas jamais se sujou com excrementos: “como se permanecesse acima de tudo. Entrava nesse mundo e saía sem levar nada que não fosse imagens e recordações” (p. 119). No entanto, ao pisar em um dejetivo, certa noite, algo se modifica, o que se corrobora quando, na manhã do dia que seguiu esse fato, um jovem maltrapilho cruza com ele exclamando: “– A sua merda também é fedida”

(p. 121). O narrador conscientiza-se, então, de que era pelas fezes que os humanos se irmanavam. A diferença, no entanto, residia na convivência mais próxima ou não com os excrementos. Enquanto o rebanho socializado buscava se afastar, colocando-os em sacos plásticos, descartando-os ou deitando-os esgoto abaixo, os mais fétidos conviviam de perto com as fezes – tanto as suas, quando as alheias. Essa consciência liberta o narrador das amarras de sua comunidade de origem e o prende, de outro lado, ao universo de que se acercou. Ele passa a fazer parte da rua, já não pode retornar ao antigo estado: “Pensando nessa irmandade. A irmandade da merda. Não fui para casa no final da tarde. Fiquei vagando pelo centro (...). Bebi cerveja, mijei no tronco de uma árvore. Eu agora estava dentro” (p. 121).

Por fim, tem-se o conto que emoldura a obra. “Bicicleta de carga” retrata a doença e possível perda materna do narrador homodiegético. Esse narrador volta-se à infância para retratar a descoberta do tumor de que padecera sua mãe e como a falta de diálogo repercutiu na percepção do garoto sobre o drama. A memória dolorosa, no entanto, é aliada à memória nostálgica em relação à bicicleta de carga, utilizada para fazer entregas aos clientes da mercearia do pai. A bicicleta, desse modo, ocupa a maior parte da narrativa, mas o trauma do garoto se apresenta ao final do conto:

Pedalei com calma, escolhendo o caminho mais curto. Estava cansado. Queria entrar em casa e não ar mais minha mãe. Que tudo já tivesse acontecido. Que só houvesse sobrado as suas roupas sobre a cama de onde ela agora saía apenas para o hospital. Quando enfim voltei pra casa, sem passar pela mercearia, fui direto ao seu quarto, para ver se meu desejo se realizara. E encontrei a mãe sentada na cama, olhos ternos, seca dentro de suas roupas agora imensas (p. 132).

Bicicleta de carga e outros contos, portanto, é uma obra bem orquestrada, em que as frases curtas e a linguagem contundente aliam-se às temáticas, na maior parte dos casos, esmagadoras. Os contos de Miguel Sanches Neto traçam, assim, o percurso do indivíduo isolado que caminha em passos lentos rumo aos desejos fugazes ou irrealizáveis, à insanidade, à dor da perda, ao nada da vida mercantil. Como num eterno retorno de dor e solidão, esses indivíduos – como conjunto e como singularidades – marcham da perda materna de “Todas as mães” até a indiferença total em relação ao “outro”, vista em “Irmandade da merda”. No entrecho entre os dois segmentos da obra, os desejos, além de potência de vida, são elementos de contato

com o mundo, ou seja, são os frágeis elos entre os seres fragmentados. O núcleo do livro toca ainda na insanidade, na doença terminal, até chegar ao nada de “Mundo móvel”, regressando, ao final da jornada, à consciência da finitude que a morte de uma mãe representa. Miguel Sanches Neto, desse modo, apresenta ao leitor, por meio desses “dezessete momentos de solidão”¹, a desigualdade que isola, mas que é apenas aparente, porque, ao se cotejarem os percursos, percebe-se que todos desembocam em um mesmo lugar.

Christini Roman de Lima
Doutora em Letras pela UFRGS

¹ CBN Madrugada Entrevista. *Coletânea de contos mostra a dificuldade de comunicação entre homens, mulheres, pais e filhos*. (Entrevista de Miguel Sanches Neto sobre *Bicicleta de carga e outros contos*). Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/212963/coletanea-de-contos-mostra-dificuldade-de-comunica.htm>. Acesso em: 11 out. 2018.